

Práticas discursivas sobre o corpo feminino: o discurso erótico e pornográfico nas capas e no caderno variedades do jornal Já

Discursive practices about the female body: erotic and pornographic discourse on the covers and in the variety section of the newspaper Já

Danilo Silva de MEIRELES¹
Josenildo Soares BEZERRA²

Resumo

Este artigo consiste na adaptação de parte dos resultados obtidos na feitura do trabalho de pesquisa ao nível de mestrado em Estudos da Mídia. Nele foram analisadas as práticas discursivas (re)produzidas pelo jornal JÁ da Paraíba acerca do corpo feminino. Sendo analisadas as capas e o caderno variedades. O objetivo consistiu em apresentar como são (re)produzidos os discursos erótico e pornográfico sobre o corpo feminino por esta imprensa paraibana. O método de abordagem conceitual e teórico se deu pelo erotismo em Bataille (2017), a pornografia em Alexandrian (1993) e Maingueneau (2010) e o método de procedimento pelo emprego da Análise de Discurso foucaultiana (Foucault, 1999; 2008). Desse modo, foi possível verificar que o corpo feminino é lócus da constituição de discursos degradantes que ratificam violências e emulam o corpo feminino como instância de prazeres e dominação.

Palavras-chave: Discurso. Corpo feminino. Erotismo. Pornografia. Jornal JÁ.

Abstract

This article consists of adapting part of the results obtained in carrying out research work at the master's level in Media Studies. In it we analyze the discursive practices (re)produced by the newspaper JÁ da Paraíba about the female body. The covers and variety book are under review. The objective was to present how erotic and pornographic discourses about the female body are (re)produced by this Paraíba press. The conceptual and theoretical approach method was based on eroticism in Bataille (2017), pornography in Alexandrian (1993) and Maingueneau (2010) and its method of procedure was through the use of Foucauldian Discourse Analysis (Foucault, 1999; 2008). In this way, it was possible to verify that the female body is the locus of the constitution of degrading discourses that ratify violence and emulate the female body as an instance of pleasure and domination.

Keywords: Discourse. Feminine body. Eroticism. Pornography. JÁ newspaper.

¹ Doutorando em Estudos da Mídia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Bolsista Carrefour. Integrante do Grupo de pesquisa VISU – Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais CNPq. E-mail: meirelesdanilo9@gmail.com

² Professor Doutor do Departamento de Comunicação e vice-diretor do CCHLA (UFRN). Líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Políticas dos Corpos (Corpolítica) da UFRN na base do CNPq. E-mail: soares.bezerra@gmail.com

Introdução

Este artigo surge do esforço empreendido na feitura de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN, intitulada de “a carne mais barata do mercado: análise de discurso sobre o corpo feminino em imagens e textos do jornal JÁ”³, em que se buscou compreender o modo como o jornal JÁ⁴ (re)produzia o discurso erótico e pornográfico sobre o corpo feminino em um de seus cadernos chamado “variedades”.

O jornal JÁ era uma mídia impressa no formato tabloide, veiculada diariamente na pelo Sistema Correio de Comunicação da Paraíba (encerrou suas atividades em abril de 2020). O jornal era Vendido em bancas de venda de revistas, barbearias, bancas de jogos de azar e por vendedores volantes, comercializado pelo preço de cinquenta centavos. Caracterizava-se principalmente por ter uma linguagem de fácil compreensão, assentava suas matérias de capa no tripé sensacionalista: esporte, violência e nudez feminina.

Dadas as práticas discursivas que o jornal adotava para abordar o corpo feminino e, compreendendo que esta mídia interferia diariamente no consumo de informação do povo paraibano, fazia-se necessário saber como ela constituía os discursos acerca do corpo feminino. Pois cada edição do jornal JÁ trazia em sua capa o anúncio de um ensaio erótico/pornográfico.

As categorias de análise erotismo e pornografia, que aparecem como elementos de abordagem conceitual e teórico, são trilhas desenvolvidas a partir de uma metodologia que corresponde aos resultados da nossa pesquisa. A metodologia empregada para construção do corpus considerou 61 exemplares do jornal JÁ. Neste artigo foram analisados aqueles exemplares que tratavam dos enunciados relacionados ao erotismo e a pornografia, considerando a partir da Análise de Discurso foucaultiana, o enunciado como o elemento átomo. Esses enunciados, pinçados das construções enunciativas do JÁ, denunciam o discurso do qual faz parte no momento de sua aparição.

A reunião dos enunciados forma as categorias erótica e pornográfica, baseadas nas imagens e textos que constituem o corpo feminino nu e seminu a partir de recursos

³ Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/30725>. Acesso em: 24/05/24.

⁴ Adotaremos a escrita em letras maiúsculas para referirmo-nos ao jornal JÁ em todo o corpo deste trabalho, evitando desta forma a confusão com advérbios e conjunção.

linguísticos como: desejo, fetiche, libido, prazer e sexo. O são também os gestos, poses, olhares, menção à boca, língua, lambida, molhada e beijo quente. As cores empregadas com a função de destacar relações com o discurso erótico e pornográfico também compõem os enunciados.

Por fim, compreendeu-se que o jornal JÁ tinha parte, e era parte, da retomada e (re)produção de discursos machistas, sexistas e degradantes acerca do corpo feminino, visto que, enquanto mídia, pautava falas e a compreensão de mundo de determinados sujeitos. O fazia com base em discursos que conjuravam o corpo feminino à condição de coisa para a satisfação de prazeres e fetiches, evocando o gozo, expurgando a mulher daquele corpo, inviabilizando sua humanidade e combinando violências.

Breve caracterização do jornal já

O jornal JÁ foi um impresso no formato tabloide que era veiculado diariamente pelo Sistema Correio de Comunicação e distribuídos na maior parte das cidades da Paraíba. Fazia tiragem diária de até 23 mil exemplares (em seu melhor momento), até 2017. Entre 2018 e 2019 contava com tiragem de aproximadamente 9 mil exemplares. Foi lançado em 2009 e o preço de venda era de R\$ 0,25 (vinte e cinco centavos). Em 2014 sofreu reajuste e estava no mercado, até 2020, pelo custo de R\$ 0,50 (cinquenta centavos). Podia ser encontrado nas bancas de revistas, nos comércios ou com vendedores ambulantes (característica da capital). Nos interiores era comum encontrá-lo nas barbearias e bancas de apostas, geralmente, em ambientes nos quais predominava o fluxo do público masculino.

O jornal JÁ apresentava um designer em formato de mosaico, todas as capas se assemelham a estas da imagem 01. Elementos geométricos coloridos dão suporte aos grafos textuais e imagéticos.

Imagem 01: Capas do Já e o que há em comum



Fonte: imagem reprodução capas do jornal JÁ.

O corpo editorial do jornal JÁ era assinado pelo jornalista responsável JC Wallach, *o caderno cidades* por Luiz Conserva, *esportes* por Pessoa Junior, *comercial* Carol Bezerra e *industrial* por Silvio Romero. O jornal JÁ conta com o endereço nas instalações do Sistema Correio de Comunicação da Paraíba, Avenida Tabajaras, n.º 836 – João Pessoa, Paraíba.

Imagem 02: Corpo editorial do jornal Já

Jornalista responsável, **JC Wallach** | Cidades, **Luiz Conserva**
Esportes, **Pessoa Junior** | Comercial, **Carol Bezerra** | Industrial, **Silvio Romero**
Endereço: Avenida dos Tabajaras, 836 - João Pessoa - Paraíba

Fonte: imagem reprodução jornal JÁ, página 04, veiculado em 07 de janeiro de 2019.

O Jornal era dividido em *Capa*, contracapa, *Super-notas* ou *Publicidade*, *caderno Cidades*, *Divirta-se*, *caderno Variedades*, *caderno Esportes*, outra página de *Publicidade* e no verso *Social*. Nas capas, estavam sempre destacados casos de violência de repercussão na Paraíba, ou no Brasil, cores e formas típicas do exagero, enunciados relacionados a esportes e ao corpo feminino. Nas páginas destinadas ao *Super-notas* eram listadas curiosidades do Brasil e do mundo, no *Publicidade* eram sempre estampados produtos eletrônicos, bebidas alcoólicas, acessórios automobilísticos, motocicletas e serviços.

O *caderno cidades* integrava notícias locais e nacionais de grande repercussão sobre casos de violência. O *divirta-se* trazia o horóscopo, jogos de caça-palavras, palavras cruzadas e jogo dos sete erros. No *caderno variedades* eram abordados assuntos como:

vida dos famosos, piadas, curiosidades sobre artistas internacionais e uma página completa com ensaios eróticos e pequenos textos com referências às mulheres ou a seus corpos, tinha o título “essa é demais!!!”. O *caderno classificados*, quando presente, anunciava a venda de carros, motocicletas, aluguéis de casa e apartamentos, venda e aluguel de salas e galpões e venda de terrenos. Os cadernos sofriam alterações periódicas na sua sequência.

Tratando-se da tiragem e do público, entre 2018 e 2020 eram impressos aproximadamente 9,5 mil jornais de segunda-feira a sexta-feira, 8,1 mil aos sábados, e comercializados na Paraíba (dados segundo informações obtidas por um corretor de anúncios⁵ em janeiro de 2019). Quanto ao perfil do público, estimava-se:

Gráfico 01 - Gênero e consumo do Já

GÊNERO	%
Homens	58
Mulheres	42

Fonte: pelo autor com base no material do Sistema Correio.

Neste ponto, consideramos que a porcentagem expressa semelhança no consumo da mídia, quer por homens ou mulheres, contudo, o público predominante deste produto jornalístico são os homens. Outro ponto que nos interessa é a faixa-etária dos indivíduos que consomem o jornal.

Gráfico 02 - Faixa-etária

Faixa etária	%
Até 15	3
16-19	7
20-29	20
30-39	25
40-49	21
Acima de 50 anos	24

Fonte: pelo autor com base no material do Sistema Correio.

⁵ Corretor de anúncios é uma função autônoma que alguém desenvolve ao trabalhar pesquisando tabelas de preços, informações de circulação de mídia, tiragem e dados demográficos referentes às mídias. Para assim, indicar a seus clientes quais canais estão oferecendo as melhores condições para divulgação.

Vale salientar que estas informações integram a pesquisa completa no formato dissertação, pois no levantamento do estado da arte nos trabalhos que versavam sobre o jornal JÁ, apenas um deles apresentava esse tipo de dado, contudo desatualizados devido ao período em que foram publicados.

O jornal JÁ tinha como principais características: o preço baixo que promovia acesso às camadas com rendas mais baixas da população, possuía linguagem de fácil compreensão, se utilizava do humor, esporte, violência e explorava a erotização do corpo da mulher em todas as suas publicações. Esses exemplos são características dos periódicos populares que se apresentam com linguagem sensacionalista.

Esse resgate histórico, ainda que muito breve, favorece para a compreensão desse tipo de produto jornalístico e literário que ao longo do tempo especializou sua produção pelo viés sensacionalista, termo que pode ser utilizado para designar o caráter de matérias que avivam determinadas temáticas com intuito de impactar, comover e despertar sensações no público (Agrimani, 1995). Agrimani (1995) sugere que o sensacionalismo vai para além do real e se torna escandaloso, perpassando os limites e, por sua vez, chega a se transformar na mensagem se destacando da informação ali contida.

Trilha conceitual e teórica: erotismo e pornografia

Primeira coisa a dizer-se na abertura deste tópico é acerca da apreensão do conceito erótico e do pornográfico. O erotismo advindo da obra de Bataille é a quebra dos limites. “É a aprovação da vida até na morte” (Bataille, 2017, p. 35) a abertura da vida para além dos interditos, “uma forma particular à atividade sexual de reprodução” humana, (Bataille, 2017, p. 35) a manifestação de reserva de excessos. Quanto à pornografia, para Alexandrian (1993, p. 08) ela “rebaixa a carne, associa ela a sujeira, as doenças, as brincadeiras escatológicas e as palavras imundas”.

Enquanto o erotismo relaciona-se com os modos dos prazeres da carne de forma bela, social, amorosa, sagrada e saudável, ao mesmo tempo surge como expansão das nossas violências. Esse erotismo aparece nas artes, nas esculturas, telas, textos, canções e produções fílmicas, de forma sofisticada. A pornografia estaria nos limites do erótico na conceptualização daquilo que é baixo, escandaloso, que se aproveita dos líquidos como o suor, sangue, espermatozoides, dos pelos, das fezes, das feridas, dos hematomas, dos palavrões imundos.

Alexandrian (1993, p. 08) alerta que:

Ninguém consegue explicar a diferença entre um e outro [pornografia e erótico]. E com razão não há diferença. A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres da carne, o erotismo é essa mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo o que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais.

A partir dessas apreensões conceituais, adotaremos, desde daqui, o erótico e o pornográfico como semelhantes, porém, resguardando o ponto de partida e os limites que os autores utilizam em suas abordagens. Neste caso, não há uma forma certa ou errada na aplicação dos conceitos em nossas análises, há diferentes formas de apreensão de um mesmo conceito.

O erotismo insere-se na análise das imagens e textos do jornal JÁ quando da sua definição por Bataille de que “essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação” (2017, p. 40), para entender melhor esta citação é necessário fazer o exercício que Bataille propõe sobre a nossa constituição enquanto “ser”, desde o processo de hominização. O processo de hominização pelo qual passaram os nossos ancestrais, garantindo assim a existência.

Esse fato histórico traz consigo nova perspectiva da vida e do mundo, uma reestruturação da concepção de espaço e tempo (Cassirer, 1994), de sexo reprodutivo, de violência elementar derivada da animalidade, trabalho e erotismo (Bataille, 2017).

O que pretendemos com esse resgate é introduzir as fagulhas elaboradas por Bataille em sua obra e evidenciar que seu empenho em definir o erotismo soa possivelmente adequado para a análise do objeto, o jornal JÁ. Portanto, o excerto “o erotismo é essencialmente, do domínio da violência” (Bataille, 2017, p. 40) se diz por que quando do exercício da consciência humana sobre si mesma o homem rompe com a sua animalidade, ela (a animalidade) condicionava o sexo apenas como fator reprodutivo, o salto para uma consciência do sexo e suas nuances de prazer se deram nesse processo em que a consciência de si passou a ser exercida. O erótico não é só o prazer, é isso também, mas é muito mais sobre a consciência de si, sobre um corpo que se sente atraído por outro e por conta da reserva da animalidade e dos desejos no emprego de práticas laborais essas reservas são limitadas, refreadas e por algum momento não se concretizam.

Bataille (2017) diz que o homem no estágio de animalidade não tinha consciência do trabalho como potencializador de sua existência e evolução, portanto, fêmea e macho

acasalavam como os outros animais, (não elaboravam fantasias, manipulação dos sexos, o uso de produtos excitantes e acessórios) com a criação do trabalho, da caça, por exemplo, o homem dotado da consciência sobre si, se estivesse em uma situação de caça (trabalho) ele rejeitaria a fêmea para obter a caça. Essa rejeição dava-se devido à consciência de si, da necessidade de subsistência, que gerava uma reserva da pulsão da animalidade, dos desejos do sexo em troca da elaboração do trabalho.

Sendo assim, supostamente, o erotismo não seria possível na contenção do trabalho (Bataille, 2017). Por exemplo, ao lecionar, ao cumprir atividades burocráticas administrativas, enquanto se apresenta uma peça publicitária na agência não se mobilizaria o erotismo. Esse estaria reservado a um momento outro que não o do trabalho, porque o trabalho é uma forma de contenção.

Contudo, essa contenção, não é suficiente, pois o erótico extrapola os limites de sua apreensão teórica, ele vaza nos olhares, na forma que os corpos se movem, se tocam e que as expressões faciais se contornam. Constitui-se na desordem, na transgressão à contenção e aos interditos, “na destruição da estrutura do ser fechado” (Bataille, 2017, p. 41).

O erotismo é da ordem da violência. Ao exercitá-lo, os humanos precisam quebrar suas próprias regras e as normativas estabelecidas. O erotismo é uma transgressão. É a elaboração dos excessos produzidos pelas leis que organiza e determina os indivíduos. Por vezes, este excesso manifesta-se como violência, ou na satisfação com a violência. Exemplo: ao ligar a TV para assistir corpos dilacerados, baleados, acidentados, para Bataille, isso é da ordem do erotismo.

Ou ainda, quando os humanos regozijam-se pela morte do “bandido”, isso também é da ordem do erótico, é a manifestação das contenções animais, ora determinadas pelas leis, que estimulam colocá-las para fora de algum modo. Logo, o erotismo “é a aprovação da vida até na morte” (2017, p. 35). Em Bataille é a sensação de perda dos limites, ainda que por um curto tempo, pode ser um orgasmo, a vibração em um momento sagrado, um grito de aleluia, de gol, um impulso que tira o compromisso com os ordenamentos todos.

Sobre a pornografia, ela está presente desde as produções greco-romanas, recorrentes nos tempos que se seguem, na representação dos corpos, dos órgãos sexuais, dos mitos, do erótico e das seduções. A pornografia, segundo Maingueneau (2010, p. 13), “em grego antigo, designa a prostituta”, este termo até então não “constituía uma

categoria de literatura ou de representação visual independente e distinta antes do início do século XIX” (Hunt, 1999, p. 10), foi com a ascensão da imprensa no século XIX que a pornografia passou a ser considerada categoria literária e “progressivamente, a referência à prostituição desapareceu e a “pornografia” veio a designar qualquer representação de “coisas obscenas”” (Maingueneau, 2010, p. 13).

Análise de discurso sobre o corpo feminino no jornal já

O erotismo encadeia-se à análise das imagens e textos do jornal JÁ. Esse erotismo povoa a “capa” e o “caderno variedades”, percebemos suas nuances a partir do título “homem queria estuprar e esquarterar a ex” (Já, 2019), na imagem 03, esse enunciado vem cercado de outros elementos enunciativos do campo do desejo e do erótico. Sobretudo na manifestação de ações que se dão fora dos ambientes de controle em que a contenção e a reserva podem ser manifestadas. Ou ainda pelo enunciado “Belo não tem medo de Trovão” (Já, 2019), trata-se de dois times de futebol que se enfrentam, e não ter medo é entrar em contato, da ordem dos corpos que jogam e se chocam, estes estão em uma cena signífica que a partir de Bataille (2017) podem ser compreendidos de forma erótica, visto que “O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Enganamo-nos quanto a isso porque ele busca incessantemente no exterior um objeto de desejo” (Bataille, 2017, p. 53).

Imagem 03 - Erotismo e violência no Já



Fonte: capa do jornal JÁ veiculada em 24 de janeiro de 2019.

O ponto de análise se ancora na foto da mulher que está no canto inferior esquerdo da capa. O título principal de capa em que diz “homem queria estuprar e esquartejar a ex” (Já, 2019), estes enunciados relacionam-se de forma íntima com a imagem da modelo Fernanda Schonordie. O “esquartejar” que é uma violência, cortar em partes, torturar, vem também aludido no vestido branco retalhado, que separa membros inferiores e superiores, bumbum, cintura, barriga, pelves, seios, colo e cabeça. Essa busca pelo sensual, na articulação do seminu, remete ao “desnudamento” que Bataille trata, implicando no “parceiro feminino do erotismo” como “a vítima” e “o masculino como sacrificador” (2017, p. 41), levados em consideração título e imagem, e embora sendo elementos distintos entre si, eles dialogam por referência.

Bataille (2017) amplia esse entendimento ao falar que, se o elemento de violação, ou de violência falta na constituição da atividade erótica, então esta não alcança plenitude como tal (Bataille, 2017). Na tentativa de ilustrar esta exposição, Bataille recorre às obras que inspiram sua escrita sobre o erotismo, de autoria do Marquês de Sade, e o parafraseia dizendo que na imolação, na destruição, no assassinato há o ápice da excitação erótica (Bataille, 2017).

Para Alexandrian (1993, p. 202) o elemento da violação “é o terror sexual que Sade pretende fazer reinar em suas histórias” e que “todos os seus heróis pensam que o verdadeiro prazer é a dor, aliás, alguns desejam sofrer gozando”. Portanto, a elaboração do erótico se dá na contenção, na reserva, e se manifesta na atitude violenta e na expressão dos desejos.

Como em Bataille “o espírito humano está exposto as mais surpreendentes injunções. Incessantemente ele tem medo de si mesmo. Seus movimentos eróticos o interiorizam” (2017, p. 29), na compreensão foucaultiana da análise de discurso se busca o dito, a materialidade, contudo, este dito é um já-dito interiorizado nas pessoas e nas instituições pelas quais opera.

O que queremos dizer é que, esse esquema de *capa* e do *caderno variedades* do jornal JÁ (imagens e textos) é a ação de indivíduos em resposta a coerção das leis dos discursos erótico, de violência e até da disposição do desejo como regra. Eles estão postos no curso da história e vão sendo assimilados e reproduzidos de um modo diferente em cada tempo que se manifesta.

O futebol, a violência, a mulher, o controle, a ação policial e o sexo, todos esses enunciados, orbitam uma teia de significados que estão postos pelo jornal JÁ, de modo

que “se cruzam, se reafirmam, ou se negam” (Fischer, 2018, p. 129) em função da complexidade desse objeto.

O caso aqui não é buscar em um momento anterior a unidade discursiva da qual esses enunciados fazem parte, como que em uma experiência outra, em outro momento. Não é isso, mas sim “ficar no nível do próprio discurso” (Foucault, 2008, p. 54). Ou seja:

[...] os “discursos”, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva (Foucault, 2008, p. 54).

Aparentemente as palavras e as imagens apenas significam algo, se entrecruzam, e nessa superfície das capas e do caderno variedades contatam ou confrontam a realidade a partir da língua em voga. Mas não é só isso, percebemos que na tentativa de apreender um enunciado apreendemos também uma formação discursiva. Esta formação de discurso desfaz o que parecia tão forte, nesse caso, as obviedades representativas das palavras em relação às coisas. O que se revela, e não porque esteja escondido, mas, agora visada com a cautela necessária para a compreensão do dito, são as regras e as práticas discursivas que determinam porque estes enunciados e não outros em seu lugar.

As regras dessa formação discursiva (do erótico e da violência) que emergem nas publicações, são elas as “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2008, p. 55). Portanto, a constituição do homem estuprador, da mulher vítima, do futebol como coisa de homem, do corpo da mulher enquanto algo que conquista, como na veiculação de 02, de novembro, de 2016 do jornal JÁ, em que a modelo Jully Scrochowski é intitulada de “a conquistadora” (Já, 2016) e que “mistério e sedução são duas das características dela. O olhar e a boca parece te convidar” (Já, 2016). São as regras enunciativas que organizam esse dito que o inscrevem no delineamento do “a mais” que Foucault fala “que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (2008, p. 55).

É a designação dos signos que faz o discurso, mas o discurso é mais que representação das coisas, portanto, a apreensão do enunciado “olhar e boca que parece te

convidar” (Já, 2016) é na verdade a apreensão daquilo que Foucault (2008) chamou de o “a mais”. Assim sendo, esse enunciado é o reforço do corpo da mulher como algo que conquista. Que o faz pelo olhar ou pela boca. Olhar e boca formam o “convite”. Contudo, em nenhum viés interpretativo há de existir olhos e boca que convidam em se tratando dos corpos alheios. Se os enunciados são organizados por outrem e fazem referência ao corpo de uma mulher como “convite” e não por ela mesma, estamos discutindo um assédio e uma violência. Estamos diante do reforço do assédio e do estupro, porque só é conquista se houver consentimento. Outra vez a trama erótica e seu duplo, a violência.

Imagem 04 - Olhar e boca que convidam



Fonte: jornal JÁ veiculado em 02 de novembro de 2016.

“O erotismo dos corpos tem de qualquer modo algo de pesado de sinistro” (2017, p. 42), nesse sentido, Bataille coloca á mostra a descontinuidade do indivíduo, sua forma cínica e egoísta. Portanto, na análise desses enunciados, preocupa-nos o que Fischer (2018, p. 130) aponta ao dizer que “a produção de textos, de falas, de coisas pronunciadas ou escritas, em qualquer momento da história, em qualquer lugar, nada tem de tranquilo: supõe sempre lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões”.

O trabalho analítico sobre os enunciados dispostos no objeto de pesquisa multiplica os próprios discursos, multiplica “as coisas ditas nesses materiais, descrevendo as variadas estratégias de composição” (Fischer, 2018, p. 131). Em articulação com a história, com o erotismo de Bataille e no recorte temporal que consideramos o jornal JÁ, o que fazemos é também um procedimento de inclusão e também de exclusão de novos enunciados sobre o tema nessa discursividade.

O jornal JÁ pode ser considerado constituidor do discurso pornográfico a partir da compreensão de sequência proposta por Maingueneau (2010). Não é que o jornal JÁ faça referências apenas à pornografia, é que ele exerce uma dinâmica sequencial discursiva pornográfica. Maingueneau (2010) descreve que um discurso pornográfico pode ser um texto, por exemplo, que tem “como objetivo fazer nascer em seu leitor o desejo de gozar, instalá-lo em um estado de tensão e de falta, do qual ele precisará se liberar por um recurso extraliterário” (2010, p. 15), o texto que segue o ensaio de Fran Estrela tem essa perspectiva.

Imagem 05 - Brilho próprio



Fonte: jornal JÁ veiculado em 28, de janeiro, de 2019.

Na imagem 05, o ensaio de Fran Estrela de título “brilho próprio” segue-se do texto:

A gauchinha Fran Estrela é uma linda morena. A gatinha diz que o bumbum é a parte do próprio corpo que mais curte. E acrescenta que costuma ficar excitada ao ver o parceiro se masturbando. Sobre lugares diferentes em que já transou, ela diz que experimentou o meio da rua, no carro, no mar, no campo, e na escada de um prédio (Já, 2019).

Fran Estrela está na posição daquela que olha, na maioria das fotos. Em outras duas, na posição daquela que é olhada. É “goianinha” (Já, 2019) em decorrência da sua naturalidade, é “gatinha” (Já, 2019), mas o é no diminutivo, pois evoca a pureza da virgem (Bataille, 2017) das coisas que são muito jovens, a graça de um filhotinho, a delicadeza das frutinhas, é a diminuição por via afetiva, mas, voraz no sentido da contenção e do excesso que a quer pura e ninfeta para o ato de violação e de violência que propõe o

erótico. “Diz que o bumbum é a parte do próprio corpo que mais curte” (Já, 2019). As referências “diz” e “bumbum” são elementos importantes na evocação da cena que a efeito pornográfico se monta para fazer o outro gozar.

Na progressão, “acrescenta que costuma ficar excitada ao ver o parceiro se masturbando” (Já, 2019) é o estímulo para a encarnação do sujeito que deve sentir-se tenso, em falta e que deve gozar. “Sobre lugares diferentes em que já transou, ela diz que experimentou o meio da rua, no carro, no mar, no campo, e na escada de um prédio” (Já, 2019), no exercício de sua sexualidade Fran é descrita como uma mulher que transou em vários lugares. A primeira imagem ao lado do texto com pés ao mar e de costas, remete-nos no primeiro instante a uma possível autonomia do corpo e dos prazeres de Fran, mas recorrendo a Maingueneau (2010, p. 15) percebemos que é a evocação de “um aspecto da natureza, ou da atividade sexual de um ou de vários seres humanos. E seu efeito principal [talvez único] é estimular a libido do usuário” (2010, p. 15).

Os recursos pornográficos não tem a intenção de serem sobrepostos. É o contrário disso, “a pornografia tende a ser direta, ela recusa interpor véus entre o sujeito percipiente e o espetáculo de ordem sexual” (Maingueneau, 2010, p. 16).

Existe ainda uma recorrência enunciativa sobre formas fálicas, conforme a imagem 06. E não é só a eleição de um léxico aleatório, é a combinação dos enunciados dentro de uma rede muito maior de sentido. As estruturas fálicas estão presentes nos símbolos, nos formatos dos produtos que consumimos, na arquitetura e urbanismo, no que se possamos imaginar.

Na imagem 06 chamamos a atenção para as grades que simulam estruturas fálicas, o suporte de madeira em que a modelo posa sensualmente e explora esse objeto com seu corpo. As faixas no tom vermelho transparente que pretendem cobrir as partes íntimas, mas na verdade dão mais destaque (é o desejo de fazê-lo vistas que chama mais a atenção). As algemas na foto esquerda emulam as contenções, as violências e o prazer que mesmo preso às normativas precisa transgredir para se constituir erótico e pornográfico.

Imagem 06 - Estruturas fálicas



Fonte: veiculação 25 e 27, de novembro, de 2017.

Paula Gonçalves no ensaio de 27 de novembro, de 2017 (imagem acima, do lado direito) de título “quentíssima” é descrita como “bumbum empinado, seios idem, coxas sensacionais” além de “olhar é matador e as poses fazem a imaginação viajar...”. Os primeiros enunciados, destacados entre aspas, dizem supostamente sobre o desejo das modelos, mas como mencionado anteriormente eles surgem numa organização dirigida ao sujeito a quem se pretende evocar o gozo, do que um dizer da autonomia sexual das modelos.

Os dois últimos enunciados grifados por aspas remetem a uma exploração do narrador sobre os corpos das modelos e sugerem ao leitor modos de aproveitar esse material quer seja pelo “bumbum empinado, coxas sensacionais” ou pela imaginação que deve viajar. É a fuga do momento presente e extrapolam-se os ordenamentos que interditam, pois no campo da imaginação os interditos não funcionam plenamente.

Realacionamos a questão da autoria dos enunciados, aqui entendidos como do campo do discurso pornográfico, ao que Maingueneau alerta ao dizer que geralmente, essa autoria poder ser diretamente assumida “por um narrador externo” ou “por um personagem” (Maingueneau, 2010, p. 19). No jornal JÁ, esse discurso é assumido em pelo editorial (consultar a imagem 01) visto que não há menção a quem faz o caderno variedades, portanto, supõe-se certo nível de impessoalidade, contudo institucionaliza-se o dizer. Mas na organização dos textos sobre as modelos percebe-se que há uma mescla narrativa, ora por um narrador, outras vezes pelo narrador descrevendo possíveis falas

que seriam das modelos. Desta forma, quando se escreve sobre o corpo da mulher essa nuance deve ser destacada.

Existem consideráveis escritos sobre mulheres a partir da visão do masculino e uma das preocupações é a de deixar óbvio de que lugar partem essas escritas, nas nossas análises há um cuidado para não desferirmos outras violências ou ainda reproduzirmos na nossa escrita sobre mulheres as marcas do machismo que fora incutidas em todos nós. Ainda no momento de luta das mulheres pela autonomia do próprio corpo e do exercício livre da própria sexualidade, do respeito e contra a violência que lhes toma os modos de viver e até a vida. O investimento desta escrita é também esse lugar de poder, de tensão e de deslocamento que não cessa.

Por fim, Maingueneau (2010, p. 25) ao dizer que a forma de nominar as práticas sexuais e eróticas caminha universalmente pelo obsceno, essa nomenclatura leva em conta um patrimônio cultural que é acessado e partilhado por determinada comunidade. Sendo assim, a recorrência enunciativa seria um modo pelo qual se nomeia posições de prazer, determina-se partes do corpo que evocam a excitação e funciona como manutenção de regras sobre os desejos.

Considerações finais

Foi possível compreender que o erótico e o pornográfico coabitam as paisagens enunciativas do jornal JÁ e, dispersos em diversos momentos de publicação desse impresso, representam e denunciam uma autoria masculina, falando para uma audiência a partir da emulação dos desejos, da violência, da posição do machismo e do patriarcado que se apropriam do corpo das mulheres a fim de controlá-los, usufruí-los e dominá-los. E, mais que isso, determinar o lugar conceitual de suas existências.

Notamos que são corpos descritos, fotografados e imaginados na ordem dos desejos e funcionam para o gozo. São corpos convocados ao desfrute, não importando se há consentimento, pois o corpo da mulher em sua concepção é algo que “convida” às práticas de violência. Ou seja, por meio das análises aferidas, o jornal JÁ imprimia em suas páginas modos de violação à dignidade das mulheres. Por fim, ficou nítido que há um apelo publicitário que desumaniza esses copos, descaracteriza o sujeito de direito e coloca-o na posição de coisa abjeta, objeto e que serve aos prazeres.

Referências

ALEXANDRIAN, Sarane. **História da literatura erótica**. 2 ed. Tradução Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. 2ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fones, 1994.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault**. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.) Estudos do discurso: perspectivas teóricas. 2ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramallete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.